

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

**O CONCEITO DE MEMÓRIA NA PSICOLOGIA DA GESTALT**

Pâmela Cristina Soares da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Programa de Iniciação Científica); Carlos Eduardo Lopes (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: pamelaedhu@hotmail.com

Palavras-chave: Psicologia da gestalt. Memória. Sistema de traços

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que tem por objetivo construir um esboço do conceito de memória no Behaviorismo Radical. Como a memória parece não ter sido tratada de forma satisfatória por Skinner, decidiu-se buscar apoio em outros autores que apresentam esse tema de forma mais evidente, como é o caso dos psicólogos da Gestalt.

Os fenômenos psicológicos, incluindo a memória, são considerados pelos gestaltistas sob três dimensões: observável (comportamental), introspectiva (consciência), e inferencial (neuronal). De acordo com Koffka (1975) dentre essas dimensões, a comportamental deve ser tomada como ponto de partida da psicologia, nas palavras do autor:

Embora a psicologia tenha sido criada como ciência da consciência ou da mente, escolheremos o comportamento como nossa pedra angular. Isto não significa que eu considere as antigas definições como inteiramente erradas – seria deveras estranho que uma ciência se desenvolvesse sobre pressupostos inteiramente errados – mas quer dizer que, se começarmos pelo comportamento, será mais fácil encontrar um lugar para consciência e a mente, do que descobrir um lugar para o comportamento se começarmos com a mente ou a consciência. (p.37)

Seguindo a sugestão do autor, iniciemos a discussão pelo comportamento. Para Köhler (1980) por meio do comportamento é possível reconhecer as experiências dos outros. Ao observar a forma com que as outras pessoas se comportam é possível obter informações suficientes para compreensão dos fenômenos psicológicos dessa pessoa, mesmo que suas experiências internas continuem inacessíveis para nós. Isso quer dizer, que a psicologia da Gestalt aposta que os fatos psicológicos podem ser diretamente acessado pela observação do comportamento, sem a necessidade de qualquer processo de inferência ou dedução sobre o que estaria ocorrendo por detrás do comportamento. Em outras palavras, o comportamento é expressivo, ele possui significado próprio que pode ser diretamente captado na sua observação. Sob essa perspectiva pode-se compreender que não haveria necessidade de recorrer à experiência interna para entender as ações de outras pessoas. Desta forma, pode-se

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

perceber que a dimensão comportamental parece ser suficiente, e que não é preciso apelar para a dimensão introspectiva.

Por outro lado, a dimensão neuronal inferida não pode ser ignorada no tratamento de um fenômeno psicológico. Em primeiro lugar, porque a psicologia da Gestalt defende que a experiência objetiva depende de processos cerebrais (KÖHLER, 1980). Entretanto esta afirmação está pautada em uma nova concepção cerebral, isso explica o caráter especulativo dessa dimensão. Para a psicologia da Gestalt, o cérebro não deve ser visto apenas de forma anatômica, mas principalmente por sua funcionalidade (KOFFKA, 1980). O sistema nervoso é dinâmico, e reflete a tendência do organismo como um todo, e do cérebro em particular, ao equilíbrio frente às perturbações constantemente recebidas do ambiente.

Tendo por base essa concepção cerebral é possível estabelecer relações entre a dimensão comportamental observável e a neuronal inferida. Para Köhler (1980) esses dois níveis possuem a mesma forma de organização, ao que é chamado isomorfismo. No entanto não há uma correspondência espacial entre esses dois campos: os objetos percebidos ao nosso redor não estão em miniaturas dentro de nossas cabeças. De acordo com o isomorfismo, a relação é entre o aspecto funcional do cérebro e as relações espaciais perceptivas. A funcionalidade do cérebro remete a organizações temporais, e falar desse tipo de organização é sempre uma tarefa difícil, pior ainda seria relacioná-la com as organizações espaciais.

Segundo Koffka (1975) conseguimos lidar melhor com relações espaciais do que com as temporais, conferindo às primeiras maior realidade. Um equívoco maior ocorre com a separação entre tempo e espaço, essa tendência é resultante da dificuldade de compreender as relações temporais. Deve-se tentar contornar essa limitação para tratar do tema da memória, pois a temporalidade é uma de suas principais características.

A memória, enquanto fenômeno psicológico, também pode ser entendida sob as dimensões comportamentais e neuronais. No que se refere ao seu aspecto observável é por meio deste que é possível constatar a presença da memória. De acordo com Koffka (1975) este fato é amplamente percebido no cotidiano das pessoas, quando estas repetem suas atitudes no decorrer do tempo. Isso demonstra como a memória não é um fato sobrenatural, mas sim algo que é recorrente e visível na forma como nos comportamos, ou como Koffka menciona, é uma propriedade do comportamento.

A dimensão neuronal da memória, tem por base a concepção cerebral já mencionada. Como a memória trata de certa conservação de informações e aprendizados, estes devem

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

deixar algum vestígio cerebral, os traços. Aparece aqui uma teoria neuronal da memória na psicologia da Gestalt. De acordo com essa teoria, os traços são alterações funcionais do cérebro, que consistem em depósitos químicos dinamicamente organizados. Isso quer dizer que os traços não são alterações anatômicas, o que leva Koffka (1975) a reafirmar que o sistema de traços de memória é temporal, ele está em constante mudança. Mas se há mudança, como poderia ainda haver memória? Memória não seria justamente o armazenamento de algo imutável? Essas questões baseiam-se em uma concepção mecânica de sistema nervoso, incapaz de conciliar mudança com ordem. O sistema de traços muda, mas essa mudança não é caótica, ela é regida pelas leis de organização dinâmicas.

Dessa maneira, é preciso compreender a memória considerando que a dimensão observável e a neuronal estão atuando em conjunto, e que são isomórficas. O fato do comportamento e do traço estarem organizados da mesma forma é essencial, pois é a organização que será conservada no traço. Digamos que uma pessoa esteja realizando uma ação nova, que requer alterações comportamentais, e conseqüentemente corporais e/ou cerebrais, essa segunda alteração é o traço do processo que está sendo aprendido. Esse traço pode permitir que essa ação não tenha que ser aprendida novamente, pois o cérebro tende a “percorrer o caminho deixado pelo traço”, ele tende a funcionar da mesma forma como já funcionou antes. Essa é uma maneira bem simplista de explicar o sistema de traços, mas o importante é saber que ele é responsável por uma grande economia de tempo, pois sem ele teríamos que aprender as mesmas coisas inúmeras vezes.

Com isso, conclui-se que a memória para a Psicologia da Gestalt não pode ser entendida sem o sistema de traços, pois a ele se deve a conservação do processo que está sendo aprendido. No entanto, não haveria o que se conservar se um processo não tivesse deixado o traço, portanto esses dois aspectos não se separam, eles são correspondentes, e participam ativamente do que chamamos de memória.

Por fim, podemos entender que a visão de memória da Psicologia da Gestalt supera diversas teorias tradicionais a respeito desse assunto. Englobando características da teoria da Gestalt que desmistificam muitos aspectos culturalmente aceitos, tais como: a teoria do armazenamento, o localizacionismo e o mecanicismo. Diante disso pode-se inferir que essa definição de memória pode contribuir para um esboço desse tema no Behaviorismo Radical, o que só poderá ser confirmado quando a pesquisa estiver concluída.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

**Referências**

KOFFKA, K. **Princípios de psicologia da Gestalt**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

KÖHLER, W. **Psicologia da Gestalt**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia limitada, 1980.